

REVISTA

LAMPEJO 

CIÊNCIAS POSITIVAS E A MORTIFICAÇÃO DA METAFÍSICA: NOÇÕES PRELIMINARES DA CRÍTICA À CRISE DAS CIÊNCIAS EUROPEIAS EM EDMUNDO HUSSERL.

Djibril Ernesto¹

RESUMO: A presente proposta de artigo busca apresentar a crítica de Edmundo Husserl às ciências europeias, valendo-se da articulação dos seguintes escritos: *A filosofia como ciência rigorosa* (1911), *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* (1936), e, por último, *A Crise da Humanidade europeia e a Filosofia* (1935). Busca-se assim abordar a noção husserliana de “crítica”, quer em relação à *incapacidade da Filosofia* de se apresentar como ciência rigorosa, se comparada às demais ciências; quer como crítica às ciências em geral em virtude da redução positivista da ideia de ciência. Nesse último momento do seu pensamento, Husserl propõe um retorno às grandes questões metafísicas, em virtude dos problemas decorrentes da racionalidade moderna. Longe de não reconhecer a relevância do avanço da tecnologia, Husserl sabe, no entanto, que uma ciência de

¹ Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará. Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: djiby_ydy@hotmail.com. Orientado por Prof. Dr. Expedito Passos Lima

fatos cria homens de fatos: daí os riscos contra a humanidade com o advento da redução positivista da ideia de ciência. Reconhecendo a enfermidade da razão, ele propõe uma crítica a essa forma da racionalidade e a necessidade de se recuperar certo telos presente na tradição filosófica europeia. Trata-se ainda do reconhecimento da Metafísica ou de uma filosofia fundamental e da sua relevância para enfrentar a crise das ciências em geral e da humanidade europeia. Ademais, esta proposta de trabalho busca, igualmente, explicitar a natureza do procedimento adotado por Husserl, nessas obras, ou seja, aquele fenomenológico, pois se trata ainda de se pensar a questão da racionalidade, ou ainda, do fundamento e método das ciências.

PALAVRAS-CHAVE: Ciências positiva, Metafísica, Racionalidade, Ceticismo.

ABSTRACT: This article search to demonstraste The Edmundo Husserl's crítica to the european sciences, utilizing these works: Philosophy as rigorous science (1911), The crisis of the European sciences and the transcendental phenomenology (1936) and at least, The Crisis of European Humanity and Philosophy (1935). The search for the husserlian Notion of "crisis" in relation with the inability of Philosophy in presenting it self as a straih science, comparing with the normal sciences, or as a critic to the sciences because of the positivist redution of the science's idea. About this last aspect Husserl propose a return to the great questions of the Metaphyics, because the consequents problema of the modern rationality. Far from no recognizing the relevance of technological development, Husserl knows trat the facts' science feeds facts'men: These are the dangers against humanity with the arrival of positivist reduction of the science's idea. Recognizing the reason's illness, he proposes a critic to this tape of rationality and the necessity of recovering a precise aim present in the european philosophical tradiction. It deals with yet the recognition of Metaphysics or of any fundamental philosophy and of its relevance to face the crises of any science and of the european humanity. This proposed work aims also makes explicit the nature of the phenomenological procedure adoted by Husserl, that deals yet of thinking the questions of rationality, or yet, of the fondations and the methods of science.

KEYWORDS: Positive Science, Metaphysics, Rationality, scepticism.

"As ideias são mais fortes que todas as forças empíricas".

Husserl

Em sua obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*, de 1936, Edmund Husserl apresenta algumas questões relevantes para se pensar a *crise* que afetava e ainda afeta as ciências e a humanidade ocidental², designada, por ele, *humanidade europeia*. Aos olhos desse filosofo, a 'crise' deve-se ao *objetivismo científico* que se tornou prevalente na Modernidade. Husserl se confrontava com a redução positivista da ideia de ciência, pois nociva não só no sentido teórico, mas igualmente prático. No seu entender, tal redução positivista comprometia as

² Sociedades Capitalistas.

questões relativas ao *sentido* e à cultura, pois provocava diretamente a perda de significado para a humanidade, na medida em que comprometia as grandes questões metafísicas. Daí se buscar aqui compreender antes de mais o que norteia esse escrito de Husserl, com base nas seguintes indagações: Qual necessidade de resgatar ainda uma filosofia fundamental ou Metafísica? É verdadeira a enunciação de Husserl de que ciência de “fato” cria, realmente, homens de “fato”? Tais questões foram relevantes na orientação da exposição fenomenológica da *Crise*, uma vez que a sua preocupação foi, igualmente, advertir a respeito dos perigos do positivismo (objetivismo puro) científico: advertência esta que se expressa na proposição a seguir “O conceito positivista da ciência [...] é um conceito residual” (HUSSERL, p. 5), pois implica a invalidação das questões metafísicas. Em outros termos, significa ab-rogação da metafísica e, por sua vez, supressão da razão.

Para esta proposta de reflexão, pressupõe-se como fonte três escritos de Edmund Husserl: *A Filosofia e a Filosofia como ciência Rigorosa*, de 1911; *Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia transcendental*, de 1936; *A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia*, sem desconsiderar outros textos complementares. Em tais obras, pode-se sustentar, de início, que Husserl, além de pensar a situação da Filosofia ante as outras ciências, aborda, igualmente, a situação na qual a Europa se encontrava naquela época, ou seja, as razões que puseram a Humanidade Europeia em apuros. Isso justifica, sobretudo, a sua preocupação de buscar certa via com base na qual a humanidade europeia poderia trilhar, a fim de evitar a supremacia do positivismo e, portanto, da crise.

Nesta abordagem, valendo-se das obras de Husserl que tratam da questão relativa à “crise”, pode-se formular a seguinte hipótese interpretativa, a saber: de que Husserl identifica a salvação da humanidade europeia valendo-se de um regresso ao modelo antigo-grego (da razão grega), no qual a razão, a perfeição desta *enteléquia* era o escopo. Ademais, ele sabe dos riscos oriundos do ceticismo, pois representa um perigo, na medida em que pode incorrer em certo conformismo. A nova proposta oferecida por Husserl exige assim uma filosofia fundamental, um retorno à metafísica. Conforme escreve Husserl: “O humano da humanidade superior ou a razão exige [...] uma filosofia autêntica” (HUSSERL, p. 75). O positivismo das ciências modernas e o ceticismo conduz a Filosofia e a metafísica à morte. Para esta abordagem do tema, adota-se aqui a seguinte ordem de argumentos a fim de um tratamento mais aprofundado da questão: (i) A abolição

da Metafísica como problema da razão; (ii) O ceticismo moderno como cúmplice do positivismo científico e, por último, (iii) Ciência positiva como ciência de fato e a sua não significação para a vida.

A ABOLIÇÃO DA METAFÍSICA COMO PROBLEMA DA RAZÃO

“O humano da humanidade superior ou a razão exige,
Pois, uma filosofia autêntica”

Husserl

A Metafísica, na acepção do Husserl, é indubitavelmente o elemento central nas questões epistemológica, quando o tema é o conhecimento racional, o valor puro e verdadeiro da razão e da ação ética com base na razão. No seu entender, o verdadeiro e o racional são atributos da metafísica. Daí, então, a abolição da Metafísica implicar, em última análise, a abolição da verdade e da razão. Segundo argumenta Husserl: “A razão é (...) um título: para ideias e ideais ‘absolutos’ e ‘eternos’, ‘supratemporais’, validos incondicionalmente” (HUSSERL, p. 6). É inegável a defesa husserliana da razão, pois ela ocupa um lugar central na sua crítica ao positivismo. Por isso, o abandono da metafísica é, em última análise, o abandono da razão, que compromete igualmente todo o agir ético, promovendo uma renúncia ao agir racional. A forma da racionalidade do modelo prevalente das ciências, ou seja, ciências empírico-analíticas, termina comprometendo, com base em certo objetivismo e naturalismo, a especificidade daquilo que se apresenta na ordem do espírito e da cultura. Por isso, aquilo que Husserl identifica como crise da ciência europeia, com o seu inextricável objetivismo, havia posto a humanidade em apuros.

A sua crítica ao positivismo científico, deve-se fundamentalmente à secundarização da razão (metafísica) em detrimento da verificabilidade, e a ciência moderna, por sua vez, nada nos tem a dizer sobre a razão e a não-razão, sobre nós os homens enquanto sujeitos de liberdade; nada nos tem a dizer sobre as chamadas “ questões supremas ou últimas”— ou seja, as questões subjetivas lhes são alheias, são enigmáticas, porque ela só admite como verdadeiro aquilo que é verificável, objetivamente demonstrável. Em outros termos, nas ciências modernas (objetivas) o princípio de verificabilidade é tomado como único o critério para a verdade. Nesse sentido, a Metafísica, a qual trata das questões supremas e últimas, que trata igualmente da liberdade, são

postas de lado ou então eliminadas³. Consumado isso, o mundo passa a operar sem uma razão condutora, sem sentido: algo que exprime a supremacia das ciências positivas sobre a metafísica, ou se quisermos, é o triunfo da racionalidade técnica, nos termos de Adorno e Horkheimer.⁴

Husserl constata que a ideia positivista de ciência não é somente reducionista; quer dizer, o positivismo não somente reduziu a ideia de ciência a uma ciência de meros fatos, mas também é algo que compromete a vida humana, na medida em que, nesse modelo de ciência, a humanidade/homem não constitui o alvo primordial ou principal. Em oposição a esse paradigma de ciência, Husserl escreve:

Nem sempre a ciência compreendeu a sua exigência de uma verdade rigorosamente fundada no sentido daquela objetividade que domina metodologicamente as nossas ciências positivas(...), nem sempre as questões específicas da humanidade estiveram banidas do domínio da ciência, nem sempre foi colocada fora de consideração a sua referência interna a todas as ciências, mesmo aquelas em que o homem não é o tema (como as ciências da natureza).⁵

A posição desprivilegiada do homem e a desconsideração das questões fundamentais por parte das ciências positivas gera aquilo que se designou aqui de “ mundo de não-liberdade”. Nesse sentido, Husserl sustenta que a ausência da liberdade na Modernidade, a sua falta, tem nome: “é uma questão da razão”.⁶ Por conseguinte, o distanciamento cada vez mais expressivo entre o homem e a liberdade “é uma questão de razão”.⁷ Para Husserl, o procedimento filosófico transcende as questões de meros fatos, por isso, escreve, “ o positivismo (...) decapita a Filosofia” (HUSSERL, 2012, p. 6), hauri-a a sua mais especial nesga, isto é a *metafísica*. A função da metafísica, como ciência das questões supremas ou primeiras e últimas, de acordo com Aristóteles, senhora de todas as ciências, consiste em dar sentido último a todos os conhecimentos, isto é, conhecimento de todas as outras ciências, consideradas secundárias.⁸

³ Inferimos que a eliminação da metafísica, ou melhor, da filosofia universal do universo da verificação, deve-se a “ a peculiar universalidade da postura crítica, decidida a não admitir, sem questionar, nenhuma opinião aceita, nenhuma tradição, mas questionar todo o universo (...) predado por sua verdade em si, por sua idealidade”; ademais, deve-se também “ em virtude da sua exigência de submeter toda a empiria a normas ideais, às da verdade incondicional, aparece, de imediato, uma mudança de grande alcance em toda a práxis da existência humana, portanto, de toda a vida cultura.” (HUSSERL, 1996, p. 70-71)

⁴ Ver: Adorno & Horkheimer no livro: *Dialética do Esclarecimento* de Adorno e Horkheimer de 1969; mais precisamente a parte, *Indústria cultural: Esclarecimento como mistificação das massas*. 2 eds., tradução de Guido Antônio Almeida. Rio de Janeiro: J.Zahar, 1986. Páginas: 113- 156.

⁵ HUSSERL, 2012, p. 3

⁶ *Ibid*, 2012, p.3

⁷ *Ibid*, 2012, p.3

⁸ HUSSERL, 2012, p.6.

Por isso, a ascensão do positivismo significa decadência da filosofia universal e da metafísica. A crise da filosofia, portanto, no entender do autor, põe em crise todas as outras ciências, uma vez que a filosofia fora e continua a ser o proponente, o fulcro delas, porque nela ainda se encontra o sentido último das demais. Sobre a crise da Filosofia, argumenta Edmund Husserl, "é uma crise que não atinge as ciências especializadas nos seus resultados teóricos e práticos, mas que abala, contudo, de um lado ao outro, todo o seu sentido de verdade (HUSSERL, 2012, p.8). Ademais, Husserl reconhece que a crise da Filosofia

[...] significa a crise de todas as ciências modernas enquanto elas da universalidade filosófica, uma crise inicialmente latente, mas que emerge depois cada vez mais a luz do dia, crise da própria humanidade europeia em todo o sentido da sua vida cultural em toda sua existência. (HUSSERL, 2012, p.9).

Portanto, a crise da metafísica, isto é, da filosofia, compromete a verdade nas outras ciências, uma vez que ela é o critério da verdade delas. A Filosofia é o fundamento, sobre o qual todas as demais ciências se apoiam, onde todas elas têm e encontram a verdade delas. Desse modo, a enfermidade que se originara, como já se disse, na Modernidade, e que afeta a humanidade europeia, não apenas na sua existência cultural, mas em toda a sua existência, deve-se, tão somente à tentativa de eliminação da possibilidade de uma metafísica, ou seja, a descrença na possibilidade de uma filosofia universal e na pretensa universalização da ciência moderna, ou da ciência positiva. Essa pretensão da ciência positiva encontra apoio no ceticismo: tema relevante na reflexão sobre a crise das ciências europeias em Husserl.

CETICISMO MODERNO COMO CÚMPLICE DO POSITIVISMO CIENTÍFICO

Husserl apresenta uma posição bastante clara em relação ao ceticismo. Na sua acepção, a posição cética não é completamente inútil em virtude da sua acertada descrição da realidade, pois o ceticismo, no entender de Husserl, constitui a mais perfeita descrição da vivência ou da realidade. Tal orientação científica e metodológica evidencia, de fato, o mundo vivenciado, aquele da experiência de fato. Para o autor, o problema em questão se complica quando o cético atribui desrazão ao mundo circundante, quando diz que tudo é irracional, que a razão nada pode conhecer. Diria um cético: tudo no mundo é sem sentido, sem razão, ou ainda, a razão no mundo seria a

ausência da mesma. Por conseguinte, ceticismo significa a certeza da superfluidade ou mesmo inexistência da razão no mundo e nas coisas.⁹

Nesse sentido, a posição cética implica, seguindo a orientação do pensamento husserliano, a descrença na razão. Em virtude disso, a sua supremacia implicaria a decadência da razão, o que no sentido clássico do termo seria a ascensão da *doxa*. Desse modo, Husserl percebe que com o ceticismo cresce o descrédito em uma razão absoluta, que confere sentido ao mundo, mais precisamente como "capacidade de o homem prover a sua existência humana individual e geral um sentido racional" (HUSSERL, 202, p.9). O descrédito na razão, provocada pelo ceticismo, conduz à auto-descrença, pois o homem descrê nele mesmo, por ser tomado pela dúvida que o faz perder a crença sobre a verdade do seu próprio ser. Daí se deixar levar pela dúvida, sobretudo, a dúvida que faz duvidar de evidências, tais como, a sua própria existência como ser racional.

Portanto, o cético duvida de que ele seja racional, de que exista racionalmente uma vez que substitui, com a sua desconfiança, a *episteme*, pela incerteza; ele substitui a verdade pela dubiedade. Essa orientação filosófica, que punha/põe a razão em declínio, encontrava resistência nos escritos de Husserl, pois, no seu entender: "em toda a parte o ser verdadeiro é uma meta ideal, uma tarefa da *episteme*, da 'razão', contraposta ao ser meramente suposto que, na *doxa*, é inquestionavelmente obvio" (HUSSERL, 2012, p.9). Ser cético é renunciar à razão, ser apologético a sua ausência; pois significa fazer da dúvida um estilo de vida e, portanto, aceitar o caos instituído. Por conseguinte, o ceticismo eterniza ou naturaliza as situações historicamente produzidas. Em virtude dessa renúncia cética sobre a possibilidade da razão, metafísica, Husserl sustenta que o ceticismo diz "sim" às ciências positivas¹⁰ objetivistas, as quais não possuem nenhuma preocupação com a humanidade. A identidade entre o ceticismo e as ciências positivas se daria, primeiramente, no empenho de ambos em eliminar a razão e a metafísica; segundo, seria, como diz Husserl, a passiva aceitação do predomínio tecnocrático como progresso humanitário.

⁹ HUSSERL, 2012, p.9

¹⁰ Oswaldo Porchat, em seu ensaio intitulado, *Empirismo e Ceticismo*, após ter admitido a distinção feita por Brochard, qual seja, *ceticismo negativo ou destrutivo e ceticismo positivo ou construtivo*, afirma que este último pode ser considerado o '**ancestral do positivismo moderno**', por terem "tentado fundar uma arte pratica totalmente análoga ao que hoje chamamos '*ciência positiva*'" (PORCHAT,2007, p.10) Grifo nosso.

Convém lembrar que a noção cética, apresentada aqui, é mais próxima àquela tradicional, segundo a qual “ o cético não teria nenhum tipo de crença e recusaria assentimento a qualquer posição” (PORCHAT, 2007, p.11). Em contrapartida a essa ideia, tem-se a interpretação de Michael Frede acerca do ceticismo pirrônico, segundo o qual o cético poderia ter crenças desde que sejam dogmáticas, pois “ele creria apenas nos fenômenos, no que lhe aparece; sua suspensão de juízo diria respeito tão-somente aos discursos que propõe falar de uma realidade para além do que aparece, pretensamente revelada pela razão” (PORCHAT, 2007, p. 11). Nesse sentido, o cético é apenas descrente em relação às coisas além da física, e totalmente crente em relação às coisas fenomênicas. Todavia, não é pretensão desse trabalho debater tal questão, pois aqui se busca abordar apenas as razões pelas quais Husserl identifica ceticismo e a ciência positiva.

A CIÊNCIA POSITIVA COMO CIÊNCIA DE FATO E A SUA NÃO SIGNIFICAÇÃO PARA A VIDA

Para uma melhor compreensão da crítica de Husserl às ciências europeias, faz-se necessário, antes de dar prossecução, algumas considerações sobre a sua noção de ciência, explanando, de forma minuciosa, o que ele compreende por ciência. Nesse sentido, pode-se aqui remeter ao seu escrito, de 1911, intitulado *Filosofia como Ciência Rigorosa*¹¹ por se revelar imprescindível. Nessa obra, Husserl apresenta a sua apreensão de ciência, comparando as conquistas da ciência positiva em relação à Filosofia, cuja tarefa consiste em dar um caráter científico às ciências modernas. Em outras palavras, em conferir cientificidade às ciências modernas (matemática, física e assim por diante). Ele argumenta: “ aqui a própria ideia de ciência acha-se primeiramente determinada pela relação a uma aspiração filosófica e universal (HUSSERL. 1965, p.4). Para Husserl, a Filosofia não é uma ciência ou uma espécie de anexo às ciências: é a Ciência. Trata-se, portanto, de uma noção de ciência totalmente diversa da ideia moderna de ciência.

É inegável, no entender do autor, de que a crise da cultura europeia tornou necessária uma crítica séria às *ciências positivas*. É pertinente salientar, outrossim, que a crítica desencadeada por Husserl, contra as ciências europeias, em momento algum abandonara o sentido genuíno de

¹¹ Uma crítica a filosofia que, ao seu ver, não conseguiu fazer-se uma ciência rigorosa. “Desde os seus inícios, a Filosofia pretendeu ser ciência de rigor propriamente susceptível de satisfazer às supremas necessidades teóricas, e de possibilitar uma vida ética-religiosa regulada por normas puramente racionais. (...) Em nenhuma das épocas da sua evolução, a Filosofia soube satisfazer a pretensão de ser ciência de rigor” (1911.p. 1).

cientificidade, conforme foi exposto no primeiro tópico deste escrito. A sua investigação se orienta no sentido da ciência positiva, ou mais precisamente, o *sentido* dela para a humanidade. Daí ele argumentar: a nossa apreciação “não diz respeito à sua cientificidade, mas ao que a cientificidade, ao que a ciência em geral tinha significado e pode significar para a existência humana”. (HUSSERL, 1965, p.3). A citação a seguir permitirá perceber a sua preocupação em relação aos rumos do mundo ocidental. Husserl percebe que as questões, as quais tratavam do indivíduo como sujeito de liberdade, eram descuidadas, pois identificava a predominância do pragmatismo, do empirismo, com um olhar de preocupação, da tecnocracia como algo tenebroso, justamente, dado ao caráter supressor das questões “supremas”: questões que dão sentido ao homem e ao mundo. Conforme argumenta Husserl:

Na segunda metade do XIX, toda a visão de mundo do homem moderno se deixou determinar pelas ciências positivas, e cegar pela “*prosperity*” a elas devida, significou um virar as costas indiferente às questões que são decisivas para uma humanidade genuína” (HUSSERL, 2012, p. 3)

Dar-se-ia, no século XX, os primeiros passos para a construção do lamentável mundo – um mundo como este no qual se vive hoje – um mundo da heteronomia, no qual os homens são determinados pelas suas próprias criações: daí aquilo que aquilo que se apresenta como mais alto é a prosperidade (produtividade, lucro), no qual a vida humana é secundária. Esse modelo, ainda existente nas sociedades contemporâneas, foi alvo da crítica também de Herbert Marcuse¹², de quem se percebe uma clara influência de Husserl nos seus escritos. Na sua crítica à sociedade industrial avançada, modelada e guiada pela técnica, grafa o berlinense: “Essa sociedade é irracional como um todo. Sua produtividade destrói o livre desenvolvimento das necessidades e faculdades humanas”. (MARCUSE, 2015, p. 31). Ademais, Husserl sustenta:

Esta ciência (...) exclui de um modo inicial justamente as questões que, para os homens nos nossos desafortunados tempos, abandonados às mais fatídicas revoluções, são as questões prementes: as questões acerca do sentido ou ausência de sentido de toda esta existência humana. (HUSSERL, 2012, p. 3)

Daí um dos vários perigos da ciência de “fatos”, pois com o seu pragmatismo cego pode conduzir os homens a uma completa “insensibilidade”, isto é, a uma total desumanidade. Realmente, como enuncia Husserl: “meras ciências de fatos fazem meros homens de fatos”

¹² Deve-se lembrar que Marcuse estudou filosofia em Berlim e Freiburg. Nessa ocasião entrou em contato com Instituto para a Pesquisa Social, que viria a se chamar, posteriormente, de Escola de Frankfurt. Ele, depois da sua separação com Heidegger, sobretudo, do ponto de vista político, com o “apoio de Husserl, Marcuse foi apresentado a Horkheimer” (MATOS, 1993, p.77).

(HUSSERL, 2012, p.3). As ciências europeias na sua orientação positivista, só poderá afundar em domínio de irracionalismo³³ sem precedentes, uma vez que, no entender do autor: "A mera ciência dos corpos obviamente nada, pois abstrai de tudo o que é subjetivo". (HUSSERL, 2012, p. 3). Tal ciência, diferentemente das ciências do espírito, não considera o homem na sua "existência espiritual, no horizonte da sua historicidade" (HUSSERL, 1996, p. 76). Nesse sentido, muito pouco se importa com a liberdade e felicidade dos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É apodítico de que a proposta de Edmund Husserl é subversiva, ele mesmo admite isso ao escrever: "parece-me que eu, o pretendo reacionário, sou mais radical e mais revolucionário que aqueles que hoje se manifestam tão radicais em suas palavras" (HUSSERL, 1996, p. 76). Tratar criticamente da situação cultural da Europa, sob o critério do triunfo e do desenvolvimento de ciências objetivistas empírico-analíticas, constitui realmente um empreendimento difícil e ousado: ousado na medida em que se volta para uma nova ordem, ou seja, uma espécie de reestruturação da civilização ocidental. A proposição husserliana, a saber, "as nações europeias estão enfermas", implica nada mais do que um assentimento de que a crise cultural europeia se deve ao problema de uma ciência pura do espírito. Deve-se considerar que, apesar de admitir que a crise da supra-nação europeia tenha as suas raízes na "aberração do racionalismo, Husserl não apresenta uma noção ou ideia pejorativa da mesma, ou seja, não considera que a racionalidade seja maléfica para a existência humana. Ele defende que o destino tomado pela razão, sobretudo, a partir da era das Luzes, fora uma aberração.

Husserl identifica como possibilidade de cura da enfermidade, a tradição filosófica. Por isso, ele julga ser preciso retornar à Grécia antiga e revitalizar a *enteléquia* que, no seu entender, é inerente ao povo europeu, isto é, inerente à supra-nação Europa. Nesse sentido, convém esclarecer,

³³ Compreende-se que o irracionalismo, aludido por Husserl, se coaduna com a pretensa universalização da racionalidade prevalente das ciências empírico-analíticas: a racionalidade técnica pretende fazer-se a única racionalidade existente. Dizendo mais diretamente, o irracionalismo é, em última instância, a racionalidade unilateral, porque "o caminho que, para eles, é direto e necessário, não lhes permite abranger mais que um aspecto da tarefa, sem deixar de ver, a princípio, que a tarefa infinita em seu conjunto, a de conhecer teoricamente a totalidade daquilo que é, ainda tem outras faces. Se a insuficiência se anuncia em obscuridades e contradições, isto dá motivo para uma reflexão universal." (HUSSERL, 1935, p. 76). Então, o irracionalismo é em virtude da absolutização ou mesmo do isolamento da verdade parcial proporcionada pelas ciências positivas.

antes de mais, que retorno à Grécia antiga implica necessariamente um retorno à Filosofia como ciência universal, ciência da totalidade do mundo, da unidade total de todo o existente: algo que significa também uma transformação de toda a humanidade europeia a partir de formação de *ideias*, as quais possibilitarão, como escreve Husserl, “o homem (...) novo, que, vivendo na finitude, se orienta para o polo infinito” (HUSSERL, 1996, p. 66). Mais adiante, ele sustenta ainda:

Antes da filosofia, no horizonte histórico, nenhuma outra forma cultural é cultura comparável de ideias, nem conhece tarefas infinitas e tais idealidades, cujos métodos de produção possuem eles mesmos a propriedade ideal de poderem ser repetidos ao infinito e superam todas as infinitude de pessoas reais ou possíveis. (HUSSERL, 1996, p. 67).

Retorno à filosofia universal, retorno à metafísica, é sobretudo, retorno à racionalidade humana, dialogando aqui com os frankfurtianos, uma vez que não se trata de eliminação, isto é, de uma destruição de todas as conquistas obtidas pelas ciências empírico-analíticas. Não há como acusar Husserl de tecnofobia, pois a sua postura em relação ao progresso da ciência moderna, deve-se apenas ao fato deste não significar nada para o homem e para a humanidade em geral. Portanto, a questão principal é sobre a redução positivista da ideia de ciência, ou seja, os rumos da ciência moderna. Portanto é, neste sentido que tanto a Filosofia Universal, ou Metafísica, se faz necessária, por responder as questões que, a partir da racionalidade prevaiente das ciências empíricas são inconcebíveis, a saber: sobre a subjetividade ou melhor, sobre a liberdade. Nesse sentido, recuperar a honra da Filosofia a partir da Grécia antiga constitui uma real possibilidade de formar uma “[...] comunidade nova e espiritual, poderíamos dizer, uma comunidade pura de interesses ideias entre os homens que se dedicam à filosofia, unidos na dedicação às ideias que não só são úteis para todos, mas são identicamente patrimônio de todos. Constitui-se, necessariamente, uma comunidade de tipo’ especial” (HUSSERL, 1996, p. 71).

Ao pensar a possibilidade de fundar uma ordem social, uma comunidade especial com base na Filosofia, Husserl escreve: “a filosofia deverá exercer, constantemente, no seio da humanidade europeia, sua função diretriz sobre toda a humanidade” (HUSSERL, 1996, p. 73). A Filosofia transcende a ingenuidade característica das múltiplas ciências objetivistas, pois o procedimento metodológico dela, é capaz de restituir a honra da razão, da metafísica, possibilitando a compreensão da natureza do espírito direcionada intencionalmente ao infinito: daí a proposta husserliana da *fenomenologia transcendental*. Nessa orientação filosófica, pode-se ultrapassar “[...]”

o objetivismo naturalista e o objetivismo em geral da única maneira possível: o sujeito filosofante parte do seu eu, mais precisamente, ele se considera como executor de todos os atos dotados de validade, tornando-se um espectador puramente teórico” (HUSSERL, 1996, p. 83).

Em suma, Husserl considera que, o problema está na própria forma assumida pelo racionalismo, isto é, na sua forma alienada, dito de outra maneira – o problema está no racionalismo enquanto absorvido pelo naturalismo e pelo objetivismo. Trata-se, portanto, da naturalização do espírito. Apesar disso, Husserl nunca abandona a razão, mantém-se otimista na medida em que propõe uma redefinição da cultura valendo-se da revitalização da razão teórica, a saber, da Filosofia como ciência fundamental e universal, ou Metafísica.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUSSERL, Edmund. **A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia**; introd e trad. Urbano Zilles.- Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

_____. **A Filosofia como Ciência de Rigor**. Trad. Albin Beau.- ed. Atlanta, 1965

_____. **A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia transcendental**. Rio de Janeiro: Ed. Forense universitária, 2012

MARCUSE, Herbert. **O Homem Unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada**; tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva, -São Paulo: Edipro, 2015.

PORCHAT, Oswaldo. **Ceticismo e Empirismo**. In: **Ensaio sobre o ceticismo**. Ed: Alamed, 2007.

ADORNO, T.W., HORKHEIMER, M. **A Indústria Cultural: O esclarecimento como mistificação das massas**. In: __,__. **Dialética do esclarecimento**. 2. Ed. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro:, J. Zahar, 1986.p. 113-156.

MATOS, OOGÁRIA C. F. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo**. São Paulo: Moderna, 1993.—(Coleção logos)